

O Estudo do Folclore no Brasil

Autor: Pedro Gustavo Aubert

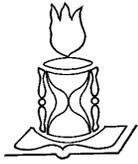
2º semestre / 2011

O que se torna difícil é manter antigas ambições, de conferir ao folclore a condição de ciência positiva autônoma. É sabido que essas ambições descansavam em suposições verdadeiras e incontestáveis: o folclore, como realidade objetiva, pode e deve ser investigado cientificamente. Mas, levaram a uma conclusão falaciosa, pois, o estudo científico do folclore não pode ser 'unificado' – cada ciência social investiga o folclore de um ponto de vista próprio, sendo ainda evidente que não se poderia afirmar, por enquanto, que caberia ao folclore, como disciplina especial, reduzir os diferentes pontos de vista a um denominador comum. Pode-se falar em 'ciência do folclore' e um 'estudo científico do folclore'. Sob tais expressões, entretanto, subentende-se, apenas, que o folclore poderá ser objeto de investigação científica, não que o 'folclore' constitua uma ciência positiva autônoma¹.

Com essas palavras, Florestan Fernandes marcava sua posição a respeito das relações entre o folclore e as ciências sociais. Em sua visão, dificilmente poder-se-ia ambicionar o folclore como uma ciência autônoma. Tal posição rendeu a Fernandes forte oposição de folcloristas como Edison Carneiro. Fernandes considerava o campo de trabalho do folclorista simétrico ao dos especialistas no estudo das artes, da literatura e da filosofia. Contudo, havia uma diferença importante: "o folclorista precisa fundir com freqüência, indagações que podem ser feitas separadamente por aqueles especialistas" (filósofos, artistas e críticos literários).

O estudo do folclore no Brasil remonta à época do Brasil colônia, quando a chamada literatura quincentista procurava retratar ao Velho Continente os costumes da colônia americana. Com a Ilustração, a então América Portuguesa começou a ser destino constante

¹ FERNANDES, F., Folclore e Ciências Sociais in: *O Folclore em Questão*. São Paulo, Hucitec, 1989, p.11.



de naturalistas europeus. No período joanino e no primeiro reinado houve uma grande produção de relatos de viajantes europeus, onde se destacam os trabalhos de Auguste Saint-Hilaire², Maria Graham³ e do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. Este último redigiu o maior relato etnográfico existente a respeito dos índios botocudos do leste de Minas Gerais, esboçando inclusive uma pequena gramática da língua local⁴. Ao longo do Segundo Reinado, sob o impulso do romantismo, em seu afã de forjar uma nacionalidade brasileira, conforme se nota nas obras de José de Alencar e Gonçalves Dias, houve por parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) a idéia de se organizar expedições para melhor conhecer os costumes dos povos nativos do Brasil, bem como das populações mestiças que habitavam os “inóspitos sertões”. Em 1846 o IHGB criou uma comissão etnográfica e narrativa de viagem, com instruções precisas para uma recolha científica das informações.

Para fins do presente trabalho, adotaremos a definição de folclore proposta por Luís da Câmara Cascudo (1986, p. 335):

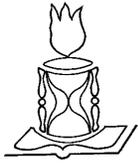
É a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional. A mentalidade, móbil e plástica, torna tradicionais os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato coletivo, como a imóvel enseada dá a ilusão da permanência estática, embora renovada na dinâmica das águas-vivas. O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao seu ambiente. Não apenas conserva, depende e mantém os padrões imperturbáveis do entendimento e ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas seqüências ou presença grupal.

Esta definição de Câmara Cascudo é de extrema importância, pois se insere no projeto modernista, encabeçado por Mário de Andrade, e que teve forte influência nos estudos sobre folclore desenvolvidos pelas ciências sociais no Brasil. Entre 1927 e 1928, Mário de Andrade percorreu as regiões norte e nordeste do país, registrando as diversas manifestações populares com sua “kodaque”. Todavia, o projeto ficaria mais nítido na década de 1930, no contexto político pós-Revolução Constitucionalista de 1932. Nesse contexto, imperava o revanchismo paulista, que buscava a partir das ciências impor a preponderância de São Paulo. Datam dessa época a criação da Universidade de São Paulo,

² SAINT-HILAIRE, A., *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Itatiaia, 2000.

³ GRAHAM, M., *Diário de Uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1990.

⁴ WIED-NEUWIED, M., *Viagem ao Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.



a construção do atual prédio da Faculdade de Direito da mesma instituição, o Palácio da Justiça, dentre outras grandes obras. Em 1935, Fábio Prado, então prefeito de São Paulo, cria sob a influência de Mário de Andrade e Paulo Duarte, o Departamento de Cultura do Município de São Paulo. Esse Departamento era composto por diversas Divisões, dentre as quais destaca-se a Divisão de Expansão Cultural, na época chefiada cumulativamente por Mário de Andrade. À essa divisão subordinava-se a Discoteca Pública Municipal, cuja idéia original era a de que fosse a sub-seção de uma Rádio-Escola (TONI, 1985).

Com a criação da Universidade de São Paulo, veio à capital paulista uma missão universitária francesa, composta por diversos nomes de peso nas ciências humanas como Claude e Dina Lévi-Strauss, Fernand Braudel e Roger Bastide. Nessa ocasião, Mário de Andrade convida Dina Lévi-Strauss para ministrar um curso de etnografia junto ao Departamento de Cultura, com o fim de formar pesquisadores de campo (CERQUEIRA, 2010). A partir do curso de etnografia, o Departamento de Cultura passou a abrigar a Sociedade de Etnografia e Folclore (AMOROSO, 2004), sob a direção de Dina Lévi-Strauss e a Sociedade de Sociologia, sendo esta última o embrião da atual Sociedade Brasileira de Sociologia. Por essa época, não existiam os diversos periódicos acadêmicos dos dias atuais. Assim sendo, os professores da missão francesa possuíam como espaço para publicação de suas pesquisas a Revista do Arquivo Municipal, também ligada ao Departamento de Cultura. As pesquisas de campo realizadas por Claude Lévi-Strauss entre os nativos do Brasil (tão comumente citadas nas *Estruturas Elementares do Parentesco*) foram patrocinadas pela Discoteca, que, entre outras coisas forneceu o material para as filmagens realizadas pelo antropólogo francês.

No que diz respeito ao estudo do folclore, a realização mais ambiciosa da gestão de Mário de Andrade junto ao Departamento de Cultura foi a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938. A missão percorreu diversos Estados do norte e do nordeste (Pernambuco, Paraíba, Piauí, Ceará, Maranhão e Pará), filmando, fotografando, gravando e registrando em cadernetas de campo as informações recolhidas. Era composta por quatro membros: Luís Saia, chefe da Missão; Martin Braunwieser, técnico musical; Benedito Pacheco, técnico de gravação; e Antonio Ladeira como auxiliar. Além de todos os pesquisadores terem freqüentado o curso de Dina Lévi-Strauss, também foi empregado na pesquisa o método prescrito pelo manual do folclorista e musicólogo romeno Constantin Brailoiu, *Esquisse d'une méthode de flklora musical* (TONI, 2011). Essa obra versa sobre métodos de coleta de material folclórico musical.

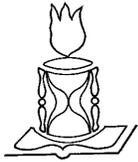


A Missão realizou seus trabalhos de fevereiro a julho de 1938 quando teve de voltar às pressas. Em 1937 ocorrera o golpe do Estado Novo. Com isso, caiu o governador de São Paulo Armando de Salles Oliveira e, na sequência, o prefeito Fábio Prado. No lugar de Fábio Prado foi nomeado Prestes Maia que por sua vez afastou Mário de Andrade da chefia do Departamento de Cultura, nomeando Francisco Pati em seu lugar. A nova administração municipal deu ordens para que os pesquisadores retornassem a São Paulo na maior brevidade possível.

Encerrada a Missão, e com ela a era de Mário de Andrade no Departamento de Cultura, o material recolhido foi alocado junto à Discoteca Pública Municipal, chefiada por Oneyda Alvarenga, aluna de Mário de Andrade, que ficou à frente da instituição até 1969. Carlos Eduardo Sampietri destaca que os primeiros anos da Discoteca foram dedicados à realização de pesquisas musicais, à formação de um acervo de gravações realizadas pela própria Discoteca, além de pesquisas folclóricas, universo que não se restringe somente à missão de 1938 (SAMPIETRI, 2009, p. 9). Essas gravações eram feitas com o uso de um selo da própria Discoteca, que manteve um serviço próprio de gravações até 1945. Nesse ano o prefeito Abraão Ribeiro iniciou uma série de reformas administrativas que deixaram a Discoteca completamente desprovida de recursos.

Todavia, nesse mesmo ano a Discoteca iniciou a promoção de concursos anuais de monografias sobre o folclore brasileiro. Esses concursos foram realizados até 1975. Os trabalhos premiados eram publicados na Revista do Arquivo Municipal. A realização desses concursos possui ligação direta com a Faculdade de Filosofia da USP e com a Escola de Sociologia e Política de São Paulo. As bancas julgadoras dos concursos eram formadas por docentes dessas instituições, como Roger Bastide e Sérgio Buarque de Holanda, entre outros. Muitos que nelas se destacaram posteriormente tiveram suas primeiras experiências de pesquisa nas monografias que escreveram para os concursos, como é o caso de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Na década de 1950, Florestan Fernandes participou de diversas comissões julgadoras dos concursos de monografias, base para seus estudos sobre folclore. Em 1961 publicou *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. Nesta obra, Fernandes analisa as “trocinhas”, grupos de garotos do Bom Retiro. Desta análise, conclui que o folclore infantil possui certa autonomia, ou seja, à medida que os garotos cresciam e saíam das trocinhas, garotos novos entravam, sendo introduzidos no universo de valores da trocinha pelos mais velhos remanescentes. Ou seja, o folclore infantil era transmitido a outras gerações independentemente da interferência dos adultos. Contudo, essa obra também levanta



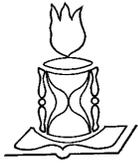
questões teóricas relevantes para o estudo do folclore. Fernandes critica os folcloristas por considerá-los excessivamente descritivos. Em sua opinião, o estudo do folclore deve responder a questões sociológicas mais amplas, e não ser uma simples descrição. Ao tratar das trocinhas e do modo como o folclore infantil se perpetuava, a questão que Fernandes colocava era de que a despeito das mudanças bruscas pelas quais a cidade passava, havia um mecanismo que preservava o folclore infantil. Assim, não se tratava de simplesmente descrever como funcionavam as trocinhas, mas sim de inseri-las em um quadro social mais amplo (FERNANDES, 1961).

Contudo, antes ainda da publicação de *Folclore e Mudança Social*, Fernandes publicou artigo na *Revista Brasiliense*, denominado *Folclore e Ciências Sociais* (vide epígrafe), onde faz importante balanço crítico dos estudos folclóricos, com os quais colaborara, especialmente na década de 1940, sob a orientação de Roger Bastide. A despeito de considerar de imensa importância para as ciências sociais a contribuição dos estudos folclóricos de Mário de Andrade, Fernandes considera que o colecionismo dos folcloristas somente poderia fazer sentido com a contribuição das ciências sociais, cujo interesse não seria somente documental, mas principalmente explicativo. Os materiais folclóricos, cuja coleta e sistematização pertencem ao campo do folclorista, careciam de maior problematização social, não buscavam responder à questão de qual a importância de tal manifestação folclórica para a organização da vida social cotidiana de determinada sociedade. Se formos além de Fernandes, poderíamos também indagar a respeito da gênese histórica que tais manifestações tiveram nas diversas sociedades (FERNANDES, 1989). Em relação a Mário de Andrade, Fernandes reconhece sua importância na seguinte passagem:

Em São Paulo, apenas Amadeu Amaral, em passagens de seus ensaios sobre poesia popular, e Mário de Andrade, em diversas de suas sondagens do folclore musical, marcadas pela aspiração de ser útil a 'poetas e músicos', ou em escritos do gênero 'A Nau Catarineta', realizaram obra propriamente folclorista. Os demais – e eles mesmos sobre outros aspectos – trabalharam, mais ou menos defeituosamente, por falta de formação especializada, no campo da investigação etnográfica (FERNANDES, 1989, p. 12).

Para Fernandes, o folclore pode ser entendido tanto como realidade objetiva, quanto como ponto de vista especial que permite a observação e a descrição dessa realidade. Contrariando Bastide, considera que a idéia de se converter o folclore em ciência positiva autônoma trazia limitações e dificuldades insuperáveis. Em suas palavras:

Está fora de qualquer dúvida que o folclore pode ser objeto de investigação científica. Mas, conforme o aspecto do folclore que se considere



cientificamente, a investigação deverá desenvolver-se no campo da história, da lingüística, da psicologia, da antropologia ou da sociologia. O folclore, como ponto de vista especial, só se justifica como disciplina humanística, na qual se poderão aproveitar as investigações científicas sobre o folclore ou técnicas e métodos científicos de levantamento e métodos científicos de levantamento e ordenação dos materiais folclóricos (FERNANDES, 1989, p. 9-10).

Todavia, Fernandes faz importante ressalva, ao afirmar que as contribuições dos etnólogos não prescindem da análise dos dados que só poderia ser feita pelo folclorista. Ao final do referido artigo, Fernandes deixa claro que seu intento não é o de apequenar a importância do trabalho do folclorista, e sim colocá-lo em seus devidos marcos. Referindo-se aos ofícios de cientista social e de folclorista, afirma:

Ambas as coisas podem ser feitas, e a mim me parece que ambas são igualmente necessárias e importantes para o conhecimento do folclore (sendo, inclusive, provável que uma pessoa com recursos intelectuais privilegiados possa dominar os dois tipos de formação). O que reputo injustificável é a perpetuação indefinida de atitudes ambíguas, que liberam os estudiosos de padrões definidos de produção intelectual, como se o folclore fosse um campo ideal para os livre-atiradores e para a gratuidade do pensamento. Estas afirmações ríspidas poderiam ser fartamente documentadas, pois todos nós sabemos quantas incursões de 'folcloristas' e de 'sociólogos', na seara do folclore brasileiro, são destituídas de qualquer espécie de fundamento ou de justificação séria (FERNANDES, 1989, p. 19).

Esta passagem possui forte importância, pois ao criticar aqueles que sem qualquer método se lançavam ao estudo do folclore e mesmo à investigação sociológica, nos deparamos com um ponto essencial que perpassa toda a obra do autor, que é o caráter científico que a sociologia possui para Florestan Fernandes. Tal posicionamento esteve no âmago da polêmica envolvendo o referido autor e Guerreiro Ramos na década de 1960. Tal embate de idéias predominou na cena universitária nas décadas de 1960, e especialmente na década de 1970. Em 1975, Florestan Fernandes organizou uma coletânea com diversos de seus artigos sobre folclore publicados na *Revista Brasiliense* e na *Revista do Arquivo Municipal*. Segundo Fernandes, a preocupação em “prestigiar” e “salvar” o folclore, que começava a se fazer presente naquela época e que de certo modo vem até os dias atuais, contribuía para que cada vez menos o folclore fosse estudado com objetividade. Por tal razão optou por trazer o debate sobre folclore novamente à cena em 1975 (FERNANDES, 1989, p. 1-3).

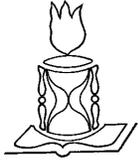
Atualmente o estudo do folclore vem ganhando novo impulso. Aqui, podemos destacar o trabalho de Carlos Sandroni (1988, 2002), que percorreu novamente o caminho



da Missão de Pesquisas Folclóricas, analisando as mudanças que ocorreram no folclore dessas regiões. Todavia, a despeito de empreendimentos como o de Sandroni, o folclore, que teve um papel importante no estabelecimento do campo das ciências sociais no Brasil, não encontra-se entre os temas centrais da sociologia e antropologia atualmente.

Referências

- ALVARENGA, O.(1950). *Catálogo Ilustrado do Museu Folclórico*. São Paulo, Discoteca Pública (Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal) 2 volumes.
- AMOROSO, M. (2004). *Sociedade de Etnografia e Folclore 1936-1939: Modernismo e Antropologia* in: *Catálogo da Sociedade de Etnografia e Folclore*. São Paulo, CCSP, p. 70-75
- BASTIDE, R. (1983). *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- CASCUDO, L. (1986). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte, Itatiaia.
- CERQUEIRA, V..L.C.(2010). *Contribuições de Samuel Lowrie e Dina Lévi-Strauss ao Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938)*. Dissertação (Mestrado) – PUC, São Paulo.
- FERNANDES, F. (1961). *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo, Editora Anambi.
- _____. (1978). *O Folclore em Questão*. São Paulo, Hucitec, 1978.
- _____. (1994). *Mário de Andrade e o Folclore Brasileiro*. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, IEB, nº36, p. 141-158.
- GRAHAM, M. (1980). *Diário de Uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1990.
- SAMPIETRI, C.E. (2009). *A Discoteca Pública Municipal*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo.
- SANDRONI, C. (1988). *Mário Contra Macunaíma: Cultura e Política em Mário de Andrade*. São Paulo, Vértice.
- _____. (2002). *Mário, Oneyda, Dina e Claude*. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília, IPHAN, nº30.
- SANDRONI, C. et al (2004). *Responde a Roda Outra Vez: Música Tradicional de Pernambuco e da Paraíba no Trajeto da Missão de 1938*. Recife, FADE-UFPE: Núcleo de Etnomusicologia do Departamento de Música da UFPE; João Pessoa, Laboratório de Estudos da Oralidade, UFPB. 2 CDs.



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

SAINT-HILAIRE, A. (2000). *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Itatiaia.

TONI, F. (1985). As Cadernetas da Missão de Pesquisas Folclóricas. In: *Missão de Pesquisas Folclóricas: Cadernetas de Campo*. São Paulo, CCSP, 2011.

WIED-NEUWIED, M. (1958). *Viagem ao Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.